

Neolitização e Megalitismo nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral de Portugal (Maciço da Gralheira): afirmação e consolidação das economias agro-pastoris em ambiente de média montanha

O autor analisa a incidência do fenómeno megalítico nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral de Portugal, no quadro da chamada «Neolitização», à luz dos dados aportados nos últimos anos. Considera, nesse âmbito, que a afirmação das economias agro-pastoris foi um processo lento e sujeito a múltiplas influências, só concluído com o advento das sociedades estratificadas de metalurgistas, as únicas que, para a região considerada, construíam povoados perduráveis, símbolos de uma estratificação social acentuada, proporcionada pela rentabilização do uso do solo e da intensificação das trocas comerciais, à escala local, regional e inter-regional. A principal expressão da «Neolitização» nos planaltos centrais encontrar-se-á, ainda segundo o autor, no multifacetado polimorfismo das tumulações sob montículo artificial.

Palavras chave: Neolitização, Megalitismo, Centro-Norte Litoral.

In this paper the author analyses the incidence of the megalithic phenomenon in the Planaltos Centrais of the Centro-Norte Litoral of Portugal, in the context of the so-called «Neolithisation», over the last few years data. He considers that the emergence and the consolidation phases of the economies specialised upon on the cattle pastoralism and in the agriculture was a long term process depending upon multiple influences and only concluded with the arise of the stratified metallurgical communities. By then the author says that the megalithic barrows are the best expression of the neolithisation of the uplands of the Centro-Norte of Portugal.

Keywords: Neolithisation, Megalithic barrows, Centro-Norte Litoral of Portugal

1. INTRODUÇÃO

Na região considerada, as questões em torno da passagem de uma economia de base depredadora, para economias de produção em que as actividades agrícolas e pastoris desempenhem um papel de primeira importância, continuam maioritariamente sem resposta.

E, mesmo se se constata que a partir dos inícios da década de oitenta, a investigação na região teve um *boom* considerável, como de resto os sítios e estações arqueológicas estudados e os trabalhos publicados o demonstram significativamente, tal não teve o impacto que se previa, no conhecimento dos percursos seguidos pelo complexo processo de Neolitização nos designados Planaltos Centrais, mantendo-se a abordagem a tais processos dependente de operações gerais de *in put/out put* distanciadas dos condicionalismos próprios de uma região de média montanha e para a qual não se conhecem dados significativos que nos documentem a existência de populações em fase transicional, motoras de uma acentuada complexificação social, cuja ponta do ice-

berg encontramos no cerca de meio milhão de sepulturas sob montículo artificial, actualmente cartografado na região Centro-Norte Litoral.

Com efeito, para a grande densidade «megalítica» reconhecida, não se encontram antecedentes arqueológicos, particularmente dos últimos grupos de caçadores-recolectores especializados, do mesmo modo que se desconhece a existência de um proto-megalitismo que, de algum modo, pudesse constituir o substrato ao grande desenvolvimento que as práticas de enterramento sob colinas artificiais, irão conhecer na região.

Deste modo e embora se tenham dado passos significativos, nos últimos anos, para o conhecimento do megalitismo, tanto ao nível da sua distribuição espacial e implantação micro topográfica, como do ponto de vista das estruturas funerárias e seus mobiliários, continuam a verificar-se profundas lacunas em domínios tão importantes como, por exemplo:

— o de se saber como se originou e se desenvolveu o Neolítico nos planaltos centrais e por extensão em todo o

Centro-Norte Litoral, tendose presente as especificidades locais e regionais de uma area «marginal» às grandes transformações neolíticas;

- o de se saber também se existiu, previamente ao fenómeno megalítico, como o conhecemos, uma matriz proto-megalítica, sobre a qual tenham agido os processos formativos da forte personalidade megalítica que encontramos na região;
- o de se saber ainda qual tera sido o papel desempenhado pelo Megalitismo no processo de Neolitização dos planaltos centrais do Centro-Norte Litoral de Portugal.

Estas são apenas algumas das questões com que se debate ainda actualmente a investigação no Centro-Norte Litoral e que, em large medida, também se aplicam às regiões do Norte de Portugal e da Galiza, ou ainda da Beira Alta, pelo que procuraremos, neste texto, fazer o ponto da situação, à luz dos trabalhos recentes, de maneira a se obter uma visão de conjunto da problemática que o tema da Neolitização e do Megalitismo comportam para as regiões de média montanha do Centro-Norte Litoral de Portugal.

2. O QUADRO GEOGRÁFICO: CONDICIONALISMOS NATURAIS DA MÉDIA MONTANHA

2.1. GEOECOLOGIA RECENTE

Por «planaltos centrais» compreendem-se as superfícies

aplanadas que constituem o sistema orográfico designado por Maciço da Gralheira (Fig. 1) e que, conjuntamente com a Serra de Montemuro e a Serra do Caramulo, integram o que Brum Ferreira designou de «Montanhas Ocidentais» (Ferreira 1978). Aquele maciço é constituído por um conjunto de massas de relevo batidas pela influência marítima, com altitudes que atingem o seu ponto culminante no extremo Este-Nordeste/Este-Sudeste, onde ultrapassam os 1000 metros.

O Maciço da Gralheira ocupa assim uma posição chaveira entre os altiplanos beirões, a Este e a Sudeste - a plataforma do Mondego; abre-se para o litoral atlântico, em sentido Oeste e Sudoeste; tem a delimitá-lo a Sul e a Norte respectivamente, as bacias médias-baixas do Vouga e do Douro e a Nordesde o rio Paiva; a Este, o Rio Sul, afluente da margem direita do Vouga e a falha tectónica da Felgueira-Preguinho, cortam a unidade do relevo da Gralheira (Fig. 1).

Região de geomorfologia complexa, a sue dissimetria (Ferreira 1978: 218) está profundamente ancorada na natureza do substrato rochoso, o qual é marcado por uma acentuada dualidade entre, por um lado, os granitos alcalinos e, por outro, os xistos e grauwagues. Tal geomorfologia ocasiona um relevo, de um modo geral muito pronunciado em toda a área do maciço.

As enormes massas de ar marítimo que aí se acumulam originam uma fácil saturação da atmosfera, em ar húmido, o que leva à ocorrência de fortes níveis pluviométricos. O

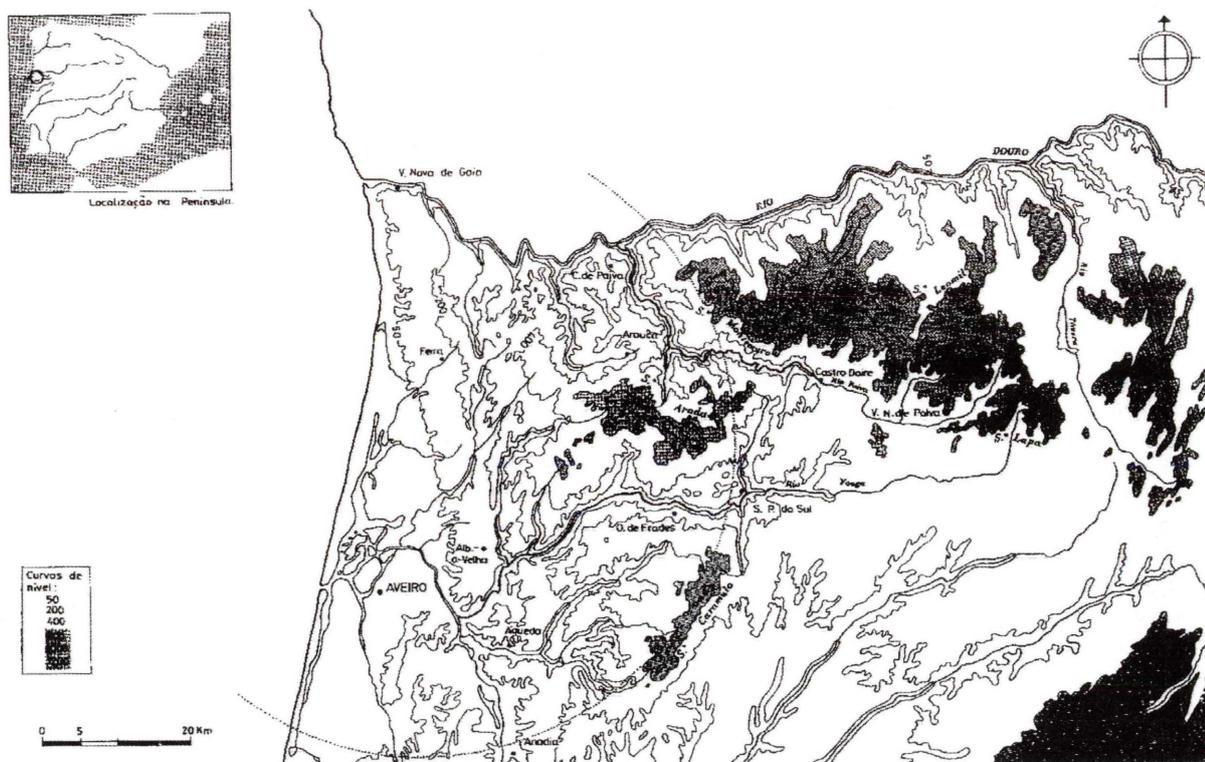


Fig. 1 Localização do Centro-Norte Litoral na Península Ibérica e delimitação a pontilhado.

regime pluviométrico do Maciço da Gralheira aparece assim como muito irregular, com ocorrência de precipitações mais abundantes no «Outono, Inverno e início da Primavera» e uma curta estação seca entre os meses de Julho e Agosto (Rochette Cordeiro 1986: 34).

Um outro factor a tomar em linha de conta para a compreensão do modelado da região e do coberto vegetal é a temperatura que, actuando de modo diferenciado, se no Inverno, se no Verão, contribui também para essa «agressividade erosiva» que encontramos, em particular, nos cumos aplanados do Maciço da Gralheira onde as temperaturas revelam amplitudes acentuadas.

O clima, de um modo geral, cai dentro do subsistema mediterrâneo, embora possa alternar, de acordo com as influências que se fizerem sentir (*Idem*: 41).

Decorrente da conjugação de todos estes factores, os solos são de um modo geral esqueléticos, em particular nos sectores mais elevados da montanha, donde a sua reduzida aptidão agrícola (DGSFA 1940: 5; Rodrigues 1961: 22).

2.2. PALEOAMBIENTES PLEISTOCÉNICOS E HOLOCÉNICOS

Entre o Terciário e o Quaternário, as condições paleoambientais existentes na região (Daveau 1980: 24), (Fig. 2),

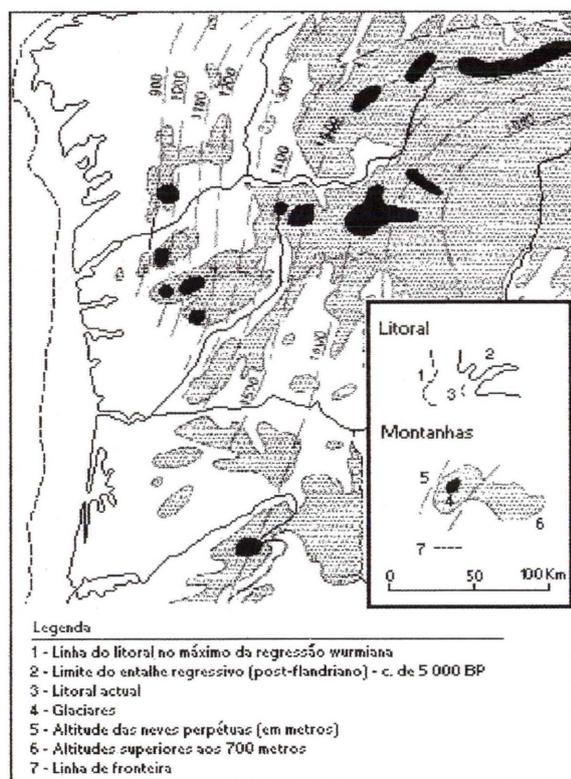


Fig. 2 - Esboço da evolução do litoral e das montanhas do Norte e Centro de Portugal durante o glacial Würm (Adaptado de Daveau 1980: 24).

teriam características periglaciares, com condições propícias à formação de fenómenos «subnivais e de gelifracção» (Rochette Cordeiro 1986: 47).

Tais fenómenos ter-se-iam originado já no Miocénico Inferior e Médio, sucedendo-se no Miocénico Superior uma «estação de seca pronunciada, com temperaturas ligeiramente mais baixas e com a possibilidade de crises de aridez.» (Ferreira 1978: 254).

Durante o Pliocénico as características climáticas parecem ter-se aproximado das reconhecidas para o Miocénico Inferior, com excepção das temperaturas, que terao descido ligeiramente. Tais características ter-se-iam mantido, sem grandes alterações, até ao Quaternário (Pierre Birot cit. por Rochette Cordeiro 1986: 44), ou seja, verificar-se-ia uma alternância entre períodos secos e húmidos e períodos em que a estação seca seria mais abrangente.

Estas condições permitirão o desenvolvimento de um substrato herbáceo à base de *Gramíneas* e arbóreo, onde pontuariam as grandes manchas florestais de videiros (*Betula*) e carvalhos (*Quercus*) o qual se manterá, sem alterações significativas, entre cerca de 11 000 bp e 6000bp.

Será nesse contexto médio-montano que, a partir do Atlântico Médio, se irão fazer sentir as primeiras intervenções antrópicas, por volta do VI milénio bp, de acordo com os dados polínicos obtidos nas «pseudo-turfeiras» do Maciço da Gralheira - Freita 1 (5840±70 bp; 5970±200 bp), Freita 3 (5150±60 bp) - (Rochette Cordeiro 1992: 89-109).

3. A DOMESTICAÇÃO DA PAISAGEM NOS PLANALTOS CENTRAIS

3.1 DOS ÚLTIMOS CAÇADORES-RECOLECTORES AOS PRIMEIROS AGRICULTORES

Sem outros antecedentes conhecidos para a Neolitização nos planaltos centrais, o Megalitismo surgirá no VI milénio bp, como o principal e exclusivo testemunho do modelar da paisagem pelo Homem, numa fase já adiantada daquele processo. As escassas jazidas conhecidas para a faixa atlântica do Centro-Norte Litoral - região do Baixo Vouga/Vouga Lagunar - (Fig. 3), com indústrias cuja diacronia abarca desde o Paleolítico Inferior, de fácies pré-acheulense e acheulense (Cunha Ribeiro 1990: 15-74), até ao Epipaleolítico, de fácies micro laminar (Pereira Da Silva 1997a: 62-66), não aparentam constituir um ponto de partida para a Neolitização na região.

Embora constituam os exemplos mais antigos da ocupação humana na região e da prática das designada «economias costeiras» (Silva & Soares 1998: 71-82), em caso algum se documentaram indícios de actividades prenunciadoras de formas mais avançadas de economia pelo que, de acordo com o registo arqueológico, entre as últimas populações de caçadores-recolectores do litoral e as primeiras comunidades de pastores-agricultores, parece ter existido uma certa clivagem ou hiato que só encontra explicação no facto de tais populações de caçadores-recolectores litorais, terem estado à margem do processo de Neolitização.

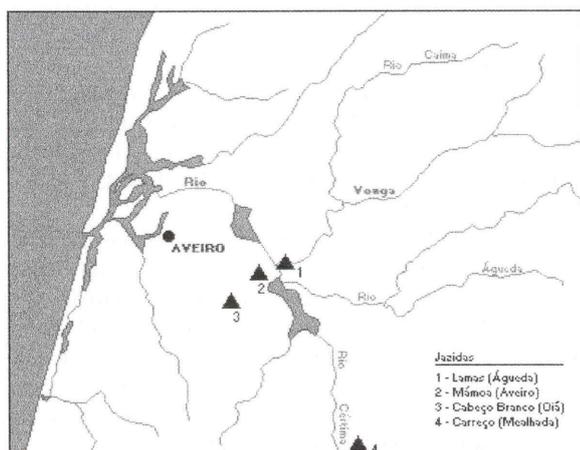


Fig. 3 - Jazidas paleolíticas e epipaleolíticas do litoral do Centro-Norte.

Deste modo, parece configurar-se para a Neolitização do Centro-Norte Litoral e, por extensão, para os planaltos centrais, um modelo segundo o qual as populações de caçadores-recolectores litorais, terão sido «absorvidas» no decurso daquele processo, numa dada fase do seu desenvolvimento, devendo o fenómeno megalítico, como o conhecemos, constituir uma etapa já evolucionada da Neolitização que, diferentemente do ocorrido no Centro-Sul de Portugal (Zilhão 1998:27-44), terá consistido num processo lento, em que só gradualmente serão introduzidas as inovações económicas e tecnológicas, nos modos de vida tradicionais.

3.2 PASTORES E AGRICULTORES DOS PLANALTOS CENTRAIS

Das primeiras comunidades de pastores e agricultores nos planaltos centrais, como em todo o Centro-Norte Litoral, nada se conhece de concreto. Nenhum sítio de actividade económica especializada foi ainda assinalado, assim como para o conhecimento dos *habitats* também não se possuem elementos documentais conclusivos (Senna-Martinez & Estevinha 1994: 55-61) - a existência de subprodutos de talhe e/ou de indústrias, assim como de fragmentos cerâmicos nos sedimentos de alguns tumuli, como em Calvário 1 (Pereira Da Silva 1989: 72-84) ou Mourisca 1 (Pereira Da Silva 1994 23-58), não é de molde a dar uma resposta satisfatória a esta questão.

A mesma ausência de dados encontrámo-la ao nível das práticas funerárias destes primeiros pastores e agricultores, com o registo arqueológico a manter um mutismo surpreendente. Até ao momento não se conhece qualquer enterramento que documente o evoluir de teus práticas, até à sua complexificação, as quais entroncarão as suas raízes num proto-megalitismo de contornos ainda pouco claros.

Deste modo e para a região considerada, confrontamo-nos com um registo arqueológico em que os únicos vestígios materiais, conhecidos, das populações de pastores e agricultores, se reportam às sepulturas megalíticas e seus espólios funerários - ou o que deles resta - numa etapa já evolucionada de todo o processo, se bem que nos seus traços gerais, o megalitismo do Centro-Norte Litoral/Planaltos Centrais, contenha ainda muitos indícios que o ligam às fases mais antigas do fenómeno megalítico.

4. O MEGALITISMO NOS PLANALTOS CENTRAIS

Na área geográfica dominada pelas massas de relevo que se atribui a designação de «planaltos centrais», encontramos as sepulturas megalíticas distribuídas, *grosso modo*, por toda a região, se bem que se detecte uma certa «apetência» por sectores particulares do relevo como sejam as regiões de média altitude, onde se identificam principalmente nos patamares altimétricos compreendidos entre os 400/600 metros e os situados entre os 800 e os c. de 1 000 metros (Fig. 4).

Destes e embora as sepulturas apresentem uma distribuição espacial alargada, é nos patamares acima dos 400 metros que se localiza o grosso dos túmulos megalíticos, os quais não se distribuem de modo uniforme, já que se detectam algumas clareiras na sua organização espacial, em particular nos sectores mais montanhosos dos planaltos centrais - acima dos c. de 1 000 metros - domínio por excelência dos pequenos montículos funerários de tradição megalítica (Pereira Da Silva 1997c, 605-620) e onde o Megalitismo terá penetrado em fase mais tardia do seu desenvolvimento, se bem que desde o VI milénio pb se detectem alterações antrópicas na paisagem, fruto de queimadas intencionais, donde a «colonização» megalítica destas regiões se ter efectuado também numa altura razoavelmente sincrónica das regiões a patamares altimétricos inferiores.

De um modo geral, encontramos as sepulturas organizadas segundo uma distribuição espacial em núcleos de mamoas, constituindo necrópoles de maior ou menor extensão, implantando-se em locais de boa visibilidade, nas imediações de linhas de água, onde ocupam pontos destacados da paisagem.

Para os vários monumentos megalíticos estudados nos planaltos centrais, entre a década de 50/60 e a década de 80/90, conta-se um total de 27 sepulturas; estas, embora muito arruinadas, revelam ainda pormenores arquitectónicos que as distinguem entre si, independentemente de ocuparem os mesmos espaços necropolizados da paisagem.

A existência deste polimorfismo acentuado, que de resto se encontra em outras regiões, deverá estar ligado não só a razões de ordem cronológica como cultural, ao mesmo tempo que constitui um verdadeiro palimpsesto de inter-influências locais e regionais.

Nesse âmbito, no conjunto das sepulturas megalíticas dos planaltos centrais destacam-se três núcleos com especificidades próprias, designados de «Núcleo Megalítico da Bacia do Arda», «Núcleo Megalítico do Baixo Vouga - Serra do Arestal» e «Núcleo Megalítico da Freita - Arada».

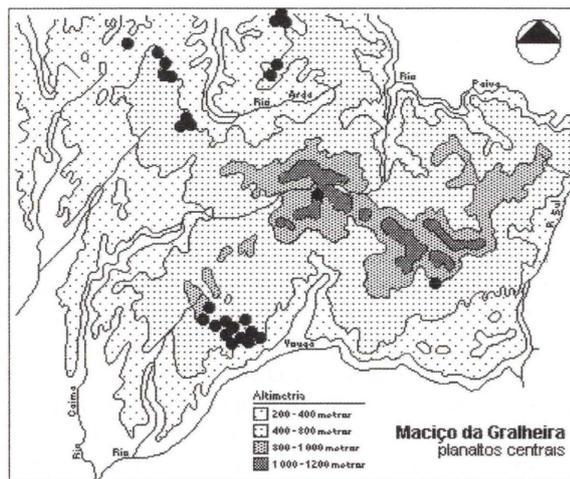


Fig.4- Distribuição das sepulturas megalíticas estudadas nos planaltos centrais.

4.1 NÚCLEO MEGALÍTICO DA BACIA DO ARDA

Este núcleo de sepulturas megalíticas, de que se estudaram treze, distribui-se entre o rebordo do patamar dos 400/800 metros, com uma excepção que se implanta numa cota ligeiramente inferior àquele patamar, a Mamoia 1 da Mourisca ou do Castelo (Pereira Da Silva 1994: 23-58).

Com apenas quatro excepções - Carvalho Mau 1, Arreçaiço 2, Aliviada 1 e Alagoas 4 - as estruturas destas sepulturas caracterizam-se pela sua planta poligonal simples e por possuírem, em ponto central da mamoa, uma estrutura de contrafortagem, em pedra solta, de planta circular, contendo no seu interior a câmara megalítica que, embora tenha chegado aos nossos dias em muito mau estado de conservação, era definida por esteios fracturados em granito ou em xisto e pelas valas de colocação dos mesmos.

Deste modo e a partir de tais vestígios materiais, temos sepulturas poligonais simples, de plantas mais ou menos alongadas - o que poderá dever-se à «fadiga» dos materiais utilizados na construção dos túmulos - abertas e/ou fechadas (pormenor construtivo este que não é passível de identificação clara por falta de elementos concludentes)

Os espólios consistem basicamente em geométricos, com os segmentos a ocuparem uma percentagem considerável, acompanhando lâminas e/ou lamelas não retocadas e ainda elementos de adorno em xisto - pequenas contas discóides, perfuradas (Fig. 5). As pontas perfurantes não constavam dos mobiliários funerários, do mesmo modo que os artefactos polidos e a cerâmica só raramente estão presentes.

Embora não se possuam datações para os monumentos que integram este núcleo, pela associação entre estruturas e artefactos, parece estar-se em presença de uma etapa muito antiga do fenómeno megalítico na região, se bem que sepulturas como Calvário 1e Mourisca 1, contenham já elementos que apontam para uma fase mais evolucionada.

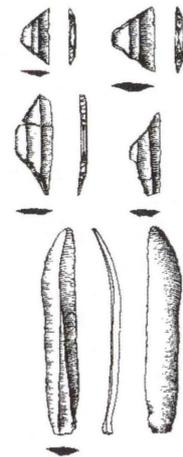


Fig. 5 - Artetactos líticos do núcleo megalítico da Bacia do Arda.

Este grupo comporta também sepulturas de corredor, as quais se integram nos espaços necropolizados das sepulturas simples, contribuindo assim para a monumentalização dos referidos espaços. As duas únicas sepulturas de corredor estudadas neste núcleo, Carvalho Mau 1 e Alagoas 4, contêm um espólio genericamente idêntico aos das câmaras simples porém, em Carvalho Mau 1, assiste-se já a uma fase mais evolucionada que na sepultura de corredor de Alagoas 4 - presença de pontas perfurantes, ausência de contas discóides perfuradas e presença percentual significativa de fragmentos cerâmicos de tipos decorativos diversificados e ainda de uma espiral em prata (Silva 1990: 7-22).

Além das câmaras poligonais simples e das sepulturas de corredor médio (Gonçalves 1992: 148), o núcleo megalítico da Bacia do Arda conta ainda com dois outros tipos sepulcrais: um, documentado pela presença de uma câmara megalítica alongada, de planta sub-rectangular, aberta, rodeada por um contraforte baixo e inserido numa mamoa megalítica - Aliviada 1; o outro, Arreçaiço 2, é uma verdadeira cista megalítica, de planta sub-rectangular, rodeada por espesso contraforte, inserido em *tumulus* sub-megalítico, com cou-raça lítica em xisto e quartzo leitoso.

Do primeiro, com esteios em granito, contendo pintura e/ou gravura nas superfícies internas, sabe-se apenas que forneceu um espólio donde plausivelmente terão constado geométricos, contas em xisto, um pendente em variscite, machados e fragmentos cerâmicos (Twohig 1981: 149; Jorge 1987: 211-226); o segundo, com lajes em xisto, revelou um mobiliário funerário tardio, donde porém estão ausentes as pontas perfurantes e outros itens tais como machados polidos e em que os fragmentos cerâmicos apontam já para modelos da Idade do Bronze.

Deste modo o núcleo megalítico da Bacia do Arda, com os seus treze túmulos estudados e donde sobressai um certo

polimorfismo diacrónico-cultural, documenta uma fase muito antiga que, em fases mais evolucionadas irá assistir ao aparecimento de sepulcros de corredor (de pequenas dimensões), de sepulturas megalíticas de planta rectangular e de sepulturas em cista, com mobiliários funerários que acompanham essa mesma evolução, como a introdução das pontas perfurantes, o recuo dos geométricos, a ausência das pequenas contas discóides em xisto, a abundância de cerâmica e a presença de artefactos polidos.

Terminando essa evolução pelo abandono de tais itens ergológicos nos contextos sepulcrais em cista megalítica, as quais deverão marcar o final do fenómeno megalítico na Bacia do Arda, o que não significa a reutilização, em momentos posteriores, das sepulturas megalíticas - caso do enterramento campaniforme tardio em Mourisca I e do enterramento em cista, do Bronze Pleno, em Arreçaiço 4.

Um outro grupo megalítico, individualizável nos planaltos centrais, localiza-se no extremo sudoeste daquelas massas de relevo, no contexto geográfico do Baixo Vouga. É um megalitismo conhecido essencialmente a partir de trabalhos efectuados nas décadas de 50/60 mas que também apresenta características que o tornam único no contexto dos planaltos centrais, em particular pelo polimorfismo de algumas das suas estruturas, únicas no contexto regional - o núcleo megalítico do Baixo Vouga-Serra do Arestal.

4.2 NÚCLEO MEGALÍTICO DO BAIXO VOUGA - SERRA DO ARESTAL

Compreende os monumentos estudados pela equipa Albuquerque e Castro, Veiga Ferreira e Abel Viana; por Amorim Girão e ainda por Alberto Souto, num total de 12 sepulturas megalíticas. Um dos monumentos do núcleo, Pedra da Moura 1/Cerqueira 1, seria reestudado nos finais da década de oitenta (Bettencourt 1989: 85-113). Este sector dos planaltos centrais possui uma das mais significativas manchas megalíticas de toda a região mas os estudos recentes estão ainda numa fase embrionária.

De plantas de tipologia diversificada porém, poucos são aqueles para os quais é ainda possível avaliar a sua estrutura, dado o estado arruinado em que se encontram e também porque alguns deles foram entretanto destruídos - Pedra da Moura 7 e Cabeço de Santiago. Por outro lado ainda, a falta de estudos recentes, na área, dificulta um melhor conhecimento deste excepcional núcleo megalítico - de momento decorre um projecto de investigação plurianual, a cargo do Autor, subordinado ao estudo do Megalitismo da Bacia do Médio e Baixo Vouga (Pereira Da Silva 1998).

As sepulturas apresentam uma distribuição similar à que encontramos para o núcleo da Bacia do Arda e, como os túmulos deste núcleo, implantam-se em chãs e rechãs, nas imediações de afloramentos e de linhas de água.

Tipologicamente, os sepulcros deste grupo megalítico revelam uma grande heterogeneidade, afastando-se dos modelos arquitectónicos mais clássicos que encontramos

noutras regiões. Tal característica aponta para momentos evolucionados do megalitismo, que cai já dentro do IV milénio bp.

Constituído principalmente por pequenas câmaras simples, sem corredor, apresenta as seguintes tipologias: pequenas câmaras sub-rectangulares, inseridas em *tumuli* de pequeno tamanho como Souto do Coval 1; sepulturas de câmara subquadrangular, no interior de mamoaos de grandes dimensões - Pedra da Moura 5/Cerqueira 2, Pedra da Moura 6 e Pedra da Moura 7; câmaras de planta trapezoidal, fechadas, de pequeno tamanho, em mamoaos bem destacadas na paisagem - Pedra da Moura 4/Cerqueira 3.

Este núcleo comporta também sepulturas de câmara poligonal e corredor médio, duplamente diferenciadas, em planta e alçado - Pedra da Moura 1/Cerqueira 1 e Ouguedêlo, integradas cada uma delas em núcleos de mamoaos ou necrópoles.

Os mobiliários funerários (Fig. 6) destas sepulturas são pouco diversificados e, de um modo geral, são escassos, o que não pode encontrar explicação apenas nas violações várias que todos eles sofreram ao longo do tempo. Dos itens ergológicos remanescentes, constata-se que existem diferenças substanciais se comparados com os mobiliários das sepulturas da Bacia do Arda.

Embora os geométricos estejam também presentes, a sua expressão não é significativa, atendendo aos doze túmulos estudados (Bettencourt 1989); as pontas perfurantes, são provenientes exclusivamente, da sepultura de corredor da Pedra da Moura 1, neo constando no espólio funerário das restantes sepulturas estudadas; os machados polidos estão presentes em três sepulturas; as escassas lâminas recuperadas são maioritariamente retocadas.

Dos itens ergológicos destes sepulcros constam ainda cristais de rocha, subprodutos de talhe e cerâmica muito fragmentada -exceptuando-se o vaso troncocónico da Mamoa da Terranha- de pastas e fabricos diversos, entre outros itens. As contas discóides, perfuradas, em xisto, estão ausentes dos mobiliários.

Embora também não se possua datação alguma para as sepulturas referidas, pela conjugação entre as estruturas funerárias e os conjuntos artefactuais, tudo parece apontar no sentido de se estar em presença de um megalitismo já muito evolucionado, diferentemente do que ocorre para a Bacia do Arda.

Um terceiro núcleo de monumentos nos planaltos centrais corresponde aos túmulos localizados nos cimos aplanados daquelas massas de relevo, a cotas superiores aos 800 metros de altitude, de que apenas foram estudadas três sepulturas megalíticas - Mamoa da Portela da Anta I.I, Portela da Anta I.II e Mamoa 1 do Juncal.

4.3 NÚCLEO MEGALÍTICO DA FREITA - ARADA

Este núcleo de túmulos está englobado numa faixa de terreno peni-planáltico, a cotas acima dos 800 metros. É uma área onde abundam principalmente as sepulturas não mega-

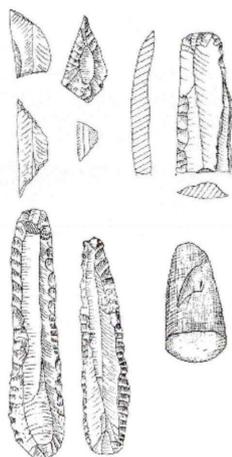


Fig 6 - Mobiliano lítico de sepulturas do núcleo megalítico do Baixo Vouga - Arestal (Adap. de BETTENCOURT & REBELO 1988/1989).

líticas, sendo muito limitadas as expressões funerárias megalíticas, documentadas por um reduzido número de câmaras poligonais simples e de sepulturas de corredor.

Neste sector dos planaltos centrais apenas se têm dados arqueológicos respeitantes a duas mamoa megalíticas, Portela da Anta (Pereira Da Silva 1996: 9-39) e Juncal 1. No primeiro caso porém, está-se perante um exemplo claro de monumentalização de um túmulo preexistente já que, anteriormente ao dólmen de corredor, existia em *place* uma pequena sepultura de câmara poligonal (PANTA 1.2) que, depois de desmantelada, seria incorporada no *tumulus* construído para albergar a sepultura de corredor da Portela da Anta (PANTA 1.1).

Da primeira sepultura (PANTA 1.2) sabe-se apenas que se tratava de uma pequena câmara poligonal, definida a partir da existência de um esteio que aflorava à superfície e a partir das valas abertas no granito de base, inserida numa mamoa clássica, constituída essencialmente por terra e pedras— com toda a probabilidade os esteios desta pequena sepultura terão sido reutilizados na construção do túmulo de corredor.

Para a segunda sepultura inserida na Mamoa da Portela da Anta (PANTA 1.1), os dados são mais substanciais. Túmulo de corredor médio, duplamente diferenciado (em planta e alçado), abrindo-se para um átrio e inserido num *tumulus* pétreo ou «cairn», que cortou o *tumulus* original.

A Mamoa 1 do Juncal, localizada nos contrafortes da Serra da Freita—Serra de Manhouce ou da Gravia— contém também uma sepultura de corredor médio e câmara poligonal, bem conservada. O corredor apresenta uma orientação anómala (M. Hoskin, comunicação pessoal). Identicamente a PANTA 1.1 é também duplamente diferenciada, em planta e alçado.

O mobiliário funerário destas sepulturas apresenta-se

desigualmente repartido e tipologicamente diferenciado. A câmara poligonal simples, continha apenas alguns hiper-micrólitos geométricos e um fragmento de lâmina, com «coche».

A sepultura de corredor da Portela da Anta (PANTA 1.1), apresentou um espólio tardio, documentado para as três áreas funcionais da sepultura—camara, corredor e átrio (Fig. 7).

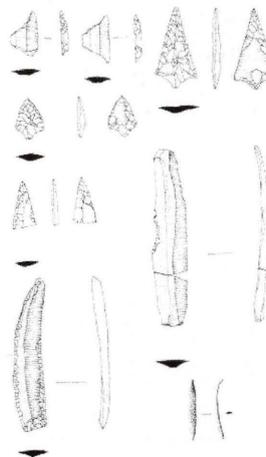


Fig. 7 - Mobilário lítico e metalico de PANTA 1.1

Ao nível da câmara e que deverá corresponder às utilizações iniciais do monumento assinalaram-se dois geométricos trapézios, extremamente evolucionados, com truncaturas excepcionalmente côncavas, lembrando já pontas de seta transversais; uma lamela e uma ponta de projectil triangular, com pedúnculo e aletas incipientes, na transição da câmara para o corredor.

O corredor forneceu principalmente fragmentos cerâmicos, uma lâmina em sílex e um furador em cobre. O espólio recolhido no átrio, defronte do corredor, consistiu em duas pontas de projectil, o fragmento distal de uma outra—uma triangular, de base recta e uma lanceolada de pequeno tamanho com pedúnculo curto— e uma lâmina.

Em Juncal 1, cujo estudo prossegue, o mobiliário tem-se caracterizado pela sua escassez e fragmentação, estando documentados essencialmente, fragmentos cerâmicos e uma conta tubular em barro, enquadrável já na Idade do Ferro.

No conjunto, os dados disponíveis para este núcleo são ainda muito limitados, não só pelo reduzido número de sepulturas megalíticas estudadas mas também pelo facto de o interior das mesmas se apresentar muito revolvido.

O dado mais relevante, até ao momento, para estas sepulturas, consiste na datação C_{14} obtida para o dólmen de corredor da Portela da Anta e que deverá detar a fase final de utilização da sepultura -3400 ± 100 BP (ICEN-1254) (Pereira Da Silva 1997b: 635-656).



Fig. 8- Sepultura simples (Calvário 1)



Fig. 9- Cista megalítica (Arreçaió 4)



Fig. 10- Sepultura simples (Aliviada 1/Escariz)

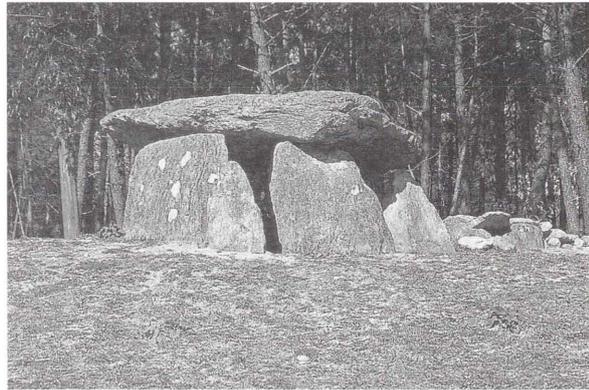


Fig. 11- Sepultura de corredor (Pedra Moura 1)

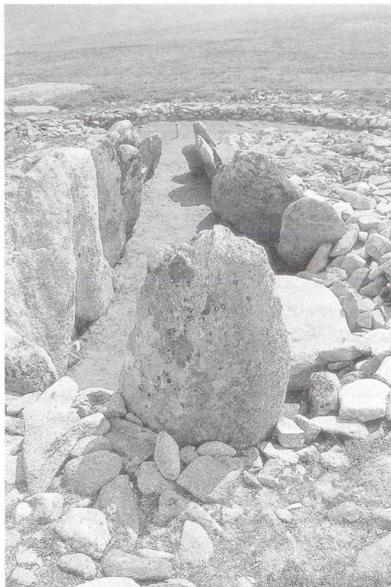


Fig. 12- Sepultura de corredor (Portela da Anta)



Fig. 13- Sepultura de corredor (Juncal 1)

5. DISCUSSÃO

Da visão necessariamente redutora do fenómeno megalítico nos planaltos centrais, do Centro-Norte Litoral português, constata-se que o Megalitismo se assume como o principal documento da existência das comunidades de pastores e agricultores neolíticas que, de acordo com as datações para as pseudo-turfeiras, a partir do VI milénio bp iniciam a colonização de uma paisagem dominada pelas manchas florestais de Bétulas e Carvalhos e onde o pastoreio e as práticas agrícolas, só muito a custo de queimadas, se iriam impondo paulatinamente.

Como se processou essa passagem das últimas comunidades de caçadores-recolectores para a pujança das manifestações megalíticas, é um tema que ainda hoje releva de grandes dificuldades, dado que o registo arqueológico é muito parco em vestígios materiais de tais comunidades.

Povoados e/ou assentamentos estáveis não se conhecem na região; por outro lado, os mobiliários funerários indiciam etapas já evolucionadas no processo de Neolitização e, mesmo deste, não se conhecem elementos suficientemente claros que nos possam transmitir dados concretos sobre as etapas do processo evolutivo por que terão passado as comunidades humanas, primeiro de caçadores-recolectores e, posteriormente, de pastores e agricultores.

Daí que, e em presença dos dados conhecidos, provenientes de escavações antigas ou mesmo das mais recentes, se constate que o processo de Neolitização pareça ter sido um processo lento, com o Megalitismo a surgir numa etapa evolucionada de tais transformações sócio-económicas, assumindo-se mesmo como o aspecto mais emergente de tal evolução, como um olhar mais atento sobre os mobiliários funerários das sepulturas sob montículo artificial da região, não pode deixar de alertar para a existência de uma certa ligação entre um passado de economias depredadoras e um devir em que as actividades do pastoreio e da agricultura estão já perfeitamente estabelecidas ou em fase de afirmação.

Deste modo, o Megalitismo, enquanto elemento de um processo de acentuada complexificação sócio-económica, se não está directamente relacionado com a emergência e a afirmação das economias de produção, tal não significa que não tenha desempenhado um papel fulcral no alargamento da Neolitização a áreas mais vastas.

Com efeito, parece decorrer, da análise das estruturas funerárias, da sua distribuição espacial e dos seus espólios, que existe uma forte ligação entre o fenómeno megalítico e a emergência das tumulações colectivas sob *tumulus*, com o alargamento das práticas do pastoreio e da agricultura, a regiões onde a tradição continuava a pautar-se pelas economias de âmbito costeiro e/ou fluvial, ou mesmo onde a influência humana ainda não se tinha feito sentir – caso dos altiplanos do Centro-Norte Litoral português.

Razão pela qual nas regiões mais afastadas das áreas de captação de recursos marítimos e/ou fluviais, a arquitectura funerário-simbólica megalítica domine em absoluto a paisa-

gem, constituindo aquela o pólo significativo de uma coesão social, entre a comunidade dos mortos que a viu surgir e a comunidade dos vivos, motora das transformações prenunciadoras da acusada estratificação social que se irá materializar pela construção de povoados permanentes, a partir do III milénio bp e onde não mais haverá lugar às grandes expressões funerárias do colectivo.

Por todo o exposto, nos planaltos centrais e em certa medida, nas regiões «marginais» às grandes transformações neolíticas, o megalitismo terá constituído a principal força de progresso, pela capacidade integradora revelada, ao conjugar um forte e arcaico substrato paleo-mesolítico, com as inovações económicas e tecnológicas características das comunidades neolíticas onde teve a sua origem.

De que modo se terá processado essa síntese, entre dois mundos distintos e em certa medida opostos, é um assunto a que só o evoluir da investigação poderá eventualmente dar uma resposta cabal.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE E CASTRO, L. A.; VEIGA FERREIRA, O. & VIANA, A. 1956/57, *Acerca dos monumentos dolménicos da Bacia do Vouga*. Associação para o Progresso das Ciências, Coimbra.
- BETTENCOURT, A. 1989, Campanha de escavação e consolidação da Mamoa I da Cerqueira (Serra do Arestal - Sever do Vouga). *Arqueologia*, 19, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto, pp. 85-113.
- BETTENCOURT, A. & REBELO, T. M. H. 1988/89, Monumentos megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga - Vale de Cambra). Inventário preliminar. *Portugália*, n/s, 9-10, Instituto de Arqueologia da faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp. 7-30.
- CUNHA-RIBEIRO, J. P. 1990, Os primeiros habitantes in SERRÃO, J. & OLIVEIRA MARQUES, A. H. (direcção de). *Nova História de Portugal*, I (coord. de Jorge Alarcão), Lisboa, pp. 15-74.
- DAVEAU, S. 1980, Espaço e tempo. Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos Pré-Históricos. *Clio-Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 2, Lisboa, pp. 13-37.
- DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS FLORESTAIS E AQUÍCOLAS 1940, *Perímetro da Serra da Freita*. Projecto de Arbonzação.
- FERREIRA, A. B. 1978, Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia. *Memórias do Centro de Estudos Geográficos*, 4, Lisboa.
- GIRÃO, A. A. 1921, *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, Coimbra.
- GONÇALVES, V. S. 1992, *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*, UNIARQ, Lisboa.
- JORGE, V. O. 1987, Materiais provenientes de dólmenes de Escariz, Arouca (escavações de Domingos de Pinho Brandão). *Cadernos de Arqueologia*, II série, 4, Braga, pp. 211-226.
- PEREIRA DA SILVA, F.-A. 1989, Mamoa I do Calvário. Escariz-Arouca. *Arqueologia*, 19, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto, pp. 72-84.
- PEREIRA DA SILVA, F.-A. 1994, Mamoa I da Mourisca (Fajões-Oliveira de Azeméis). Resultados da escavação arqueológica. *Ul-Vária*, I (1-2), Oliveira de Azeméis, pp. 23-58.
- PEREIRA DA SILVA, F.-A. 1996, O dólmen I da Mamoa da Portela da Anta (Albergaria da serra, Arouca): estudo preliminar. *Ul-Vária*, III (1-2), Oliveira de Azeméis, pp. 9-39.

- PEREIRA DA SILVA, F.-A. 1997a, A estação Arqueológica do Cabeço Branco, Portinho (Oia). Notícia Preliminar. AQUANATIVA - Revista de Cultura da Região da Bairrada, 12, pp. 62-66.
- PEREIRA DA SILVA, F.-A. 1997b, Problemática em torno do Megalitismo do Centro Norte Litoral de Portugal. O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo (ed. de Antón Rodríguez Casal), Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, pp. 635-656.
- PEREIRA DA SILVA, F.-A. 1997c, Contextos funerários da Idade do Bronze nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral de Portugal: tradição ou inovação? II Congreso de Arqueologia Peninsular. Tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce, Zamora, pp. 605-620.
- PEREIRA DA SILVA, F.-A. 1998, Estudo do Megalitismo da Bacia do Médio e Baixo Vouga, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- ROCHETTE-CORDEIRO, A. M. R. 1986, Evolução de Vertentes na Serra da Freita. Policopiado, Coimbra.
- ROCHETTE-CORDEIRO, A. M. R. 1992, O Homem e o meio holocénico português. Paleo- ambientes e erosão. Mediterrâneo, 1, pp. 89-109.
- RODRIGUES, R. J. V. 1961, Sever do Vouga. Situação económico-agrícola actual e possibilidades do seu desenvolvimento, Shell Portuguesa, S.A.R.L., Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & ESTEVINHA, I. M. 1994, O sítio de habitat das Carriceiras (Carregal do Sal): notícia preliminar. Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal. Estudos Pré-Históricos, 2, Mangualde, pp. 55-61.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. 1998, Os recursos marinhos nas estratégias de subsistência da Pré-História do Sul de Portugal. ALMADAN, II série, 7, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 71-82.
- SILVA, E. J. L. 1990, Primeira notícia da escavação de emergência do núcleo megalítico de Carvalho Mau (S. Pedro do Paraíso-Castelo de Paiva). Rev. Cienc. Hist., 5, Univ. Portucalense, Porto, pp. 7-22.
- TWOHIG, E. S. 1981, The Megalithic Art of Western Europe, Oxford.
- ZILHAO, J. 1998, A passagem do Mesolítico ao Neolítico na costa do Alentejo. Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. I, 1, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp. 27-44.